



COPYRIGHT IFS FRANKFURT

RICARDO PAGLIUSO REGATIERI
**CAPITALISMO
SEM
PEIAS**

CAPITALISMO SEM PEIAS

A crítica da dominação nos debates no Instituto de
Pesquisa Social no início da década de 1940 e na
elaboração da *Dialética do esclarecimento*



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: *Vahan Agopyan*

Vice-Reitor: *Antonio Carlos Hernandes*



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: *Maria Armanda do Nascimento Arruda*

Vice-Diretor: *Paulo Martins*

HUMANITAS

EDITORA HUMANITAS

Presidente: *Ieda Maria Alves*

Vice-Presidente: *Mario Antônio Eufrásio*

Conselho Editorial

Profa. Dra. Fernanda Arêas Peixoto	Dep. de Antropologia FFLCH/USP
Prof. Dr. Bernardo Ricupero	Dep. de Ciência Política FFLCH/USP
Prof. Dr. Marco Aurélio Werle	Dep. de Filosofia FFLCH/USP
Profa. Dra. Maria Eliza Miranda	Dep. de Geografia da FFLCH/USP
Profa. Dra. Gabriela Pellegrino Soares	Dep. de História da FFLCH/USP
Profa. Dra. Fabiana Buitor Carelli e	
Prof. Dr. Marcelo Módolo	Dep. de Letras Clássicas e Vernáculas FFLCH/USP
Prof. Dr. Tercio Loureiro Redondo e	
Profa. Dra. Margareth dos Santos	Dep. de Letras Modernas FFLCH/USP
Prof. Dr. Michel Sleiman	Dep. de Letras Orientais FFLCH/USP
Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão	Dep. de Linguística FFLCH/USP
Prof. Dr. Mário Antônio Eufrásio	Dep. de Sociologia FFLCH/USP
Prof. Dr. Arioaldo José Vidal	Dep. de Teoria Literária e Literatura Comparada FFLCH/USP

HUMANITAS

Proibida a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo xerográfico, sem permissão expressa do editor (Lei nº. 9.610, de 19/02/98).

Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária
05508-080 – São Paulo – SP – Brasil
Telefax: 3091-0458
e-mail: editorafflch@usp.br
<https://editorahumanitas.commercesuite.com.br>

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*
Julho 2019

Ricardo Pagliuso Regatieri

CAPITALISMO SEM PEIAS

A crítica da dominação nos debates no Instituto de
Pesquisa Social no início da década de 1940 e na
elaboração da *Dialética do esclarecimento*



HUMANITAS



São Paulo, 2019

Copyright © 2019 Ricardo Pagliuso Regatieri

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação da FFLCH-USP

R333 Regatieri, Ricardo Pagliuso.
Capitalismo sem peias : a crítica da dominação nos debates no Instituto de Pesquisa Social no início da década de 1940 e na elaboração da Dialética do esclarecimento / Ricardo Pagliuso Regatieri. -- São Paulo : Humanitas : FAPESP, 2019.
286 p.

ISBN 978-85-7732-381-4

1. Teoria crítica – sociologia. 2. Capitalismo. 3. Autoritarismo.
4. Civilização. 5. Dialética. I. Título.

CDD 301.01

Elaborada por Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

Esta publicação contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo n. 2017/18184-1.

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Coordenação Editorial

M^a. Helena G. Rodrigues – MTb n. 28.840

Projeto Gráfico e Diagramação

Selma Consoli – MTb n. 28.839

Arte da Capa

Marcos Cimardi

Copyright da imagem da capa

Institut für Sozialforschung, Frankfurt am Main Sobre imagem

Sumário

Prefácio	II
Introdução	I7
1. Entre capitalismo de Estado e capitalismo monopolista: o debate de Columbia.....	23
1.1. O debate de Columbia e alguns antecedentes	23
1.2. Pollock e o capitalismo de Estado	27
1.3. Neumann e o capitalismo monopolista totalitário.....	37
1.4. Kirchheimer e a configuração do compromisso político	47
1.5. Gurland e a revolução tecnológica	53
1.6. Marcuse e a racionalidade tecnológica.....	59
2. O fim do interlúdio liberal: fascismo como capitalismo sem peias	77
2.1. Uma teoria para dar conta das transformações do capitalismo.....	77
2.2. Totalitarismo e antissemitismo.....	85
2.3. Estado autoritário ou capitalismo de Estado?	95
2.4. A razão como dominação.....	110
2.5. Classes e sociedade monopolista I.....	121
2.6. Classes e sociedade monopolista II.....	129
3. Procurando um caminho: esboços de uma teoria dos <i>rackets</i>	139
3.1. <i>Rackets</i> : uma designação norte-americana do submundo.....	139
3.2. <i>Racket-Theorie</i> e sociedade monopolista	144
3.3. <i>Racket-Theorie</i> e crítica da economia política.....	165
3.4. <i>Racket-Theorie</i> e história.....	180

4. Civilização e barbárie: o diagnóstico de época da <i>Dialética do esclarecimento</i>	193
4.1. <i>Quam longe venerunt</i> : razão, progresso e regressão	193
4.2. Civilização e antropologia dialética	219
4.3. Monopólios da alma e monopólios com armas	237
Considerações finais	265
Bibliografia.....	273

Prefácio

O livro de Ricardo Pagliuso Regatieri foi composto como uma daquelas obras da *op art* que muda de aspecto a cada deslocamento do observador. No caso, conforme o interesse do leitor. Organiza-se como uma junção de planos que podem ser focados separadamente, mas que são ininteligíveis sem as referências do conjunto.

À luz de determinado ângulo pode ser visto como um acompanhamento da gênese de *Dialética do esclarecimento*. Quando se gira o olhar, pode ser compreendido como uma história do debate – no âmbito da Escola de Frankfurt – sobre o sentido e o significado do nazifascismo. Visto de outro rincão, surge como uma apresentação da trajetória intelectual, nos anos 1940, de Max Horkheimer e de Theodor Adorno, salientando os movimentos que os conduziram à crítica do processo civilizatório.

As diversas dimensões do livro são construídas com competência ímpar e uma originalidade que, pouco ressaltada pelo autor, saltam aos olhos do leitor. Os temas e conceitos que nortearam Horkheimer e Adorno no período, apesar de sua importância, só agora começam a ser debatidos. E não só no Brasil.

Capitalismo sem peias inicia-se, de chofre, com o relato das diferentes posições acerca da natureza do nazismo, apresentadas

num ciclo de conferências organizado por Max Horkheimer na Universidade de Columbia, entre novembro e dezembro de 1941. O debate contou com a participação de Herbert Marcuse, Arcadius R. L. Gurland, Franz Neumann, Otto Kirchheimer e Friedrich Pollock. Nem todas as comunicações foram publicadas na revista do Instituto de Pesquisas Sociais, cuja circulação, mantida regularmente desde o início da década de 1930, encerrou-se em 1941.

A primeira novidade do livro reside aí, na escolha de seu ponto de partida. As reconstituições da polêmica entre os frankfurtianos acerca do caráter do nazismo localizam-na, geralmente, apenas nos artigos publicados na revista do Instituto ou, então, limitam-se – como faz Rolf Wiggershaus em seu livro clássico *A Escola de Frankfurt* – a apresentar as divergências de posições entre Pollock e Neumann.

Ricardo Regatieri não desconsidera os variados artigos sobre o assunto, publicados na revista do Instituto, renomeada então como *Studies in Philosophy and Social Science*. Tampouco ignora a importância do livro de Neumann, *Behemoth: The Structure and Practice of National Socialism, 1933-1944*. Sempre que necessário recorre, com pertinência e conhecimento de causa, a esse conjunto.

A estratégia de priorizar o “debate de Columbia” possibilita o exame da questão sob uma baliza diferente. Primeiro, abre a oportunidade de ressaltar coordenadas ali presentes sobre a caracterização do nazismo, obscurecidas, em certa medida, pela contraposição habitual entre capitalismo de Estado e capitalismo monopolista. É o caso, por exemplo, do papel atribuído à tecnologia e à racionalidade imanente ao processo. O principal, porém, talvez seja a contribuição de Regatieri para o esclarecimento da posição de Horkheimer (e em menor medida de Adorno), a partir do acompanhamento de suas ações e reações.

Horkheimer esquivou-se da discussão prévia do conteúdo de cada uma das conferências. Como diretor do Instituto e editor da revista, seu procedimento habitual consistia em discutir os artigos com seus autores, tornando-os compatíveis com o leque de posições teóricas e práticas defendidas pelo Instituto. A intensidade das divergências inviabilizava qualquer esforço do diretor para, valendo-se de sua autoridade, buscar convergências. Essa situação, somada às dificuldades financeiras decorrentes da Guerra – agravadas pela entrada dos EUA no conflito – encerrou temporariamente o trabalho coletivo, peça central do projeto executado no âmbito do Instituto, a partir de 1931.

O segundo capítulo de *Capitalismo sem peias* debruça-se sobre os artigos publicados por Horkheimer entre 1937 e 1943. Um dos fios da investigação procura aferir em que medida o diretor do Instituto inclina-se a favor de uma das teses em conflito: a de um capitalismo planejado politicamente dirigido ou a de um capitalismo monopolista que exacerba a exploração econômica. Descartando as variedades de nuances resgatadas por Ricardo Regatieri, talvez se possa resumir o percurso dizendo que Horkheimer não se mostra inteiramente partidário de nenhuma das duas.

Horkheimer procura inserir seu diagnóstico do presente em considerações de longo prazo. Confronta a situação atual com o liberalismo, destacando o processo que levou à liquidação do capitalismo concorrencial e sua transformação em um capitalismo monopolista autoritário comandado, via aparelho estatal, pelos chefes da indústria, do exército e da administração. Nesse sentido, define a fase liberal como o interregno de uma dominação direta e brutal, caracterizada por um intenso controle da vida dos indivíduos.

Na parte final desse bloco, Ricardo Regatieri reconstitui as atualizações da teoria das classes de Karl Marx, desenvolvidas por

Horkheimer e Adorno em artigos separados e sintomaticamente convergentes. Adorno identifica no liberalismo, em contradição com a apregoada livre concorrência, uma relação assimétrica intensificada pela dominação extraeconômica. No capitalismo monopolista, a concentração de capital se apresenta como “expressão da sociedade como um todo”, tornando o antagonismo de classe invisível.

Tornou-se quase lugar-comum salientar o impacto das teses de Walter Benjamin, “Sobre o conceito de história”, em *Dialética do esclarecimento*. A teoria da história desenvolvida por Benjamin nesses fragmentos certamente orientou e direcionou a construção do livro de Adorno e Horkheimer. Nem sempre se reconhece, porém, o ponto de partida de ambos: a similitude de diagnósticos sobre o momento histórico.

Horkheimer e Adorno tomaram como tarefa investigar, preliminarmente, a ofuscante barbárie do presente. Na busca dessas determinações, redigiram, em consonância com suas reflexões anteriores, uma série de excertos – abandonados sob a forma de manuscritos – que foram denominados de “teoria dos *rackets*”. O termo *racket*, então corrente na literatura científica norte-americana, designa agrupamentos e associações políticas e econômicas que se valem da violência, explícita ou subliminar, para criar e manter monopólios de diversos tipos (tanto do capital como da força de trabalho).

Ricardo Regatieri, por meio de uma análise minuciosa do conjunto desses excertos – inclusive do material inédito que pôde consultar no arquivo do Instituto de Pesquisas Sociais –, mostra como esses fragmentos podem ser considerados “uma espécie de elo perdido entre o debate de Columbia e a *Dialética do esclarecimento*”. Configuram também uma tentativa de compreender os condicionantes do Estado autoritário e a degradação das classes e, por conseguinte, dos conflitos entre elas.

O capítulo final é inteiramente dedicado a esboçar linhas de interpretação da *Dialética do esclarecimento*. Ressalta, primeiramente, suas convergências com o diagnóstico do presente e com a teoria da história elaborada por Walter Benjamin, em suas “Teses”. Expõe os desdobramentos da intenção, enunciada por Adorno em uma carta a Horkheimer, de conceber “a dialética do esclarecimento como uma dialética entre cultura e barbárie”.

Se Horkheimer, em artigos anteriores – no arco que vai de “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” (1937) a “Sobre a Sociologia das Relações de Classe” (1943) –, estendeu suas observações ao capitalismo progressivo, ao período do liberalismo concorrencial, em *Dialética do esclarecimento* as considerações de longo prazo retrocedem à pré-história. Pagliuso Regatieri apresenta instigantes chaves de leitura para a compreensão da passagem da crítica ao capitalismo à crítica da civilização.

A “teoria dos *rackets*” já atestava um deslocamento da ênfase na exploração econômica – premissa geral do marxismo convencional –, para a crítica da dominação. A barbárie, singularizada na Alemanha hitlerista, não poderia ser compreendida como exceção. Adorno e Horkheimer procuram, assim, desentranhar a “racionalidade da dominação”, o processo que conduz do mito ao esclarecimento e vice-versa.

Os capítulos anteriores do livro de Ricardo Regatieri fornecem importantes elementos para a compreensão dessa racionalidade que abarca e supera a “racionalidade econômica”. Destacam, por exemplo, o interesse de Horkheimer pelo aparato tecnológico, questão posta em pauta pelo artigo de Herbert Marcuse, de 1941, “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”. Pagliuso Regatieri apresenta também os momentos e os contextos em que o termo *racket* aparece em *Dialética do esclarecimento*, procedimento imprescindível

tendo em vista que a edição brasileira, ao optar por traduzir esse termo por diferentes vocábulos, ignorou seu caráter conceitual.

Capitalismo sem peias tampouco se exime de confrontar as determinações, nem sempre explícitas, de Adorno e Horkheimer sobre o capitalismo contemporâneo com as posições apresentadas por outros membros do Instituto no “debate de Columbia”. A exegese e a comparação de dois ensaios inseridos em *Dialética do esclarecimento* – “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas” e “Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento” – permitem observar que, para Adorno e Horkheimer, a situação do indivíduo pouco difere quando se passa do capitalismo “democrático” para a sociedade nazifascista.

Boa leitura!

Ricardo Musse

Introdução

Este livro explora diálogos e debates que tiveram lugar no âmbito do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt durante seu exílio norte-americano no início da década de 1940. Esse momento foi talvez um dos mais fecundos da história do Instituto e precede uma espécie de diáspora de vários de seus membros, que acabaram encontrando suporte financeiro junto ao governo norte-americano em seu esforço de guerra. Também a revista do Instituto teve publicado a essa altura, em 1941, seu último número. Nele, precisamente, está documentado um debate – ou boa parte dele, como se verá – ocorrido neste mesmo ano e que contrapôs diferentes interpretações sobre o presente histórico existentes entre seus membros. O tema em questão era o nacional-socialismo, mas as discussões evidenciaram ao menos dois modos distintos de analisar a natureza do capitalismo em sua fase pós-liberal. Os expositores foram Friedrich Pollock, Franz Neumann, Herbert Marcuse, Otto Kirchheimer e Arcadius R. L. Gurland. O então diretor Instituto de Pesquisas Sociais, Max Horkheimer, não tomou parte como expositor, mas esteve por trás da própria organização desse debate. Tratava-se de um intento de pôr em diálogo as distintas posições relativas à caracterização do presente histórico que, além do nazismo, tinha o sistema soviético e

o *New Deal* norte-americano como modelos concorrentes. Theodor Adorno, que então já era um colaborador de Horkheimer no projeto que resultaria na *Dialética do esclarecimento*, também não participou como conferencista no debate.

A partir desse debate e do que nele foi apresentado, o livro busca problematizar o caminho que trilham Adorno e Horkheimer até a publicação de sua *Dialética do esclarecimento*. O livro percorre esse trajeto a partir do debate de 1941 em virtude da convicção de que a obra dos dois autores finalizada em 1944 é uma espécie de resposta às questões postas por aquele debate. Não obstante, a obra constrói essa resposta, é verdade, de forma diversa e peculiar. As raízes dessa forma distinta de abordar o presente histórico podem ser acompanhadas nos desenvolvimentos teóricos dos dois em especial a partir de 1940/1941. Como argumentar-se-á, uma das determinações para a ampliação da crítica do capitalismo para uma crítica da civilização de modo mais amplo é o impacto das teses sobre a história de Walter Benjamin, que depois da morte deste fugindo da perseguição nazista na Europa ocupada lograram chegar às mãos de seu amigo Adorno nos Estados Unidos. Mas do mesmo modo que aqui se considera que o debate de 1941 é de fundamental importância para compreender o livro de Horkheimer e Adorno, advoga-se também que não é o caso de se estabelecerem aproximações parciais ou enviesadas entre o evento e a obra. Em especial, o presente trabalho busca refutar e enriquecer a visão estreita de que *Dialética do esclarecimento* lança mão da tese defendida por Pollock no debate.

O livro se inicia com uma reconstrução desse debate realizado em Columbia em 1941, apresentando as posições de todos os envolvidos nele. Aqui, importante é não apenas entender quais eram as interpretações que estavam em jogo, mas também visualizar quem falava contra quem ou em apoio a quem. Ressoando discussões que

mobilizavam socialdemocratas e comunistas desde a virada para o século vinte, dentro do Instituto havia ao menos duas posições opostas acerca do grau de planejamento e controle alcançado pelo capitalismo monopolista na primeira metade do último século. De um lado, a proposição de que as elites econômicas se encontravam tão intimamente associadas às burocracias estatais, de modo que o capitalismo monopolista tinha se transformado em um capitalismo politicamente dirigido que contava com um plano geral e com instrumentos que lograriam evitar crises. De outro, a interpretação de que o capitalismo monopolista continuava a ser movido pela busca privada de lucros e de que o controle político não havia desativado os principais mecanismos capitalistas, pois o poder político autoritário seria na verdade um fiador da concentração e exploração econômicas, que alcançaram um patamar mais elevado.

Após a reconstituição do debate, o livro se volta para a produção de Horkheimer e Adorno do final da década de 1930 e início da de 1940. Nesse período, os textos de Horkheimer que se seguem ao conhecido “Teoria tradicional e teoria crítica”, de 1937, crescentemente apontam para uma dilatação histórica da análise e para uma concomitante redefinição da posição do liberalismo enquanto forma de dominação. Isso já aparece em “Os judeus e a Europa”, de 1939, mas textos dos anos de 1941 a 1943 deixam essa abordagem ainda mais patente. Horkheimer elabora uma crítica da noção de progresso em seu “Estado autoritário” (1942), sobre o destino da razão na sociedade ocidental em “O fim da razão” (1941) e “Razão e autopreservação” (1942) e sobre a similaridade de diferentes fases históricas no que diz respeito à exploração em “Sobre a sociologia das relações de classe” (1943). O texto de Adorno contraparte a este último, “Reflexões sobre a teoria de classes”, escrito em 1942, elabora, de forma inequivocamente fundada nas considerações sobre a história de Benjamin,

uma reflexão acerca de como compreender o presente e o passado. Todos eles buscam, em primeiro lugar, realizar uma fisiognomia do capitalismo monopolista, e para tanto se lançam a perscrutar processos sociais, econômicos e culturais que subjazem a ele.

Na sequência, procura-se recuperar uma problematização levada a cabo por Horkheimer e Adorno e que teve lugar no período que medeia entre o debate na Universidade de Columbia e a finalização da *Dialética do esclarecimento*. Trata-se do intento de elaborar uma teoria dos *rackets*, que deveria fundamentar as análises do Instituto dirigido por Horkheimer. Como, por um lado, a discussão sobre os *rackets* nos escritos de Adorno e Horkheimer é fragmentária e, por outro, o presente trabalho considera que a literatura secundária sobre a teoria crítica sempre deu a ela pouca atenção, busca-se dar um tratamento em alguma medida sistemático a esta elaboração distintamente não sistemática, bem como evidenciar suas implicações. Foi inicialmente por meio do acesso a fontes de arquivo na Alemanha que o assunto foi se me afigurando como aquilo que o livro procura apresentar: uma espécie de elo perdido entre o debate de Columbia e a *Dialética do esclarecimento*. Ainda que a teoria dos *rackets* tenha permanecido para a posteridade como uma série de fragmentos, é necessário resgatar seu papel na teoria crítica nesse momento de seu desenvolvimento, ainda que em certo sentido o modelo dos *rackets* tenha se constituído em uma teoria de transição. Pensar o paradigma dos *rackets* em conexão com a proposição de crítica histórica legada por Benjamin pareceu desde o começo imprescindível.

O livro conclui com uma análise da caracterização do presente histórico realizada pela *Dialética do esclarecimento* propriamente. Esta obra, que procura nada mais nada menos do que entender a natureza da barbárie que os homens haviam se autoimposto, além de lançar mão da elaboração fragmentária dos *rackets*, introduz ainda

outras determinações em sua explicação. Como um desdobramento da questão presente no debate de 1941 a partir dos *leitmotiven* das teses sobre a história de Benjamin, o livro de Adorno e Horkheimer leva a efeito uma antropologia materialista para dar conta da violência do capitalismo monopolista em suas variantes supostamente antagônicas, apontando para as raízes da barbárie na constituição mesma da civilização. A dominação aparece aqui como um fenômeno multifacetado, que não pode ser explicado a partir de um único prisma. Assim, tratar da sujeição dos homens no sistema industrial monopolista de um ponto de vista marxista tradicional seria insuficiente para dar conta do caráter complexo que aquela havia alcançado; mas a dilatação temporal-analítica que a obra leva a cabo parte do presente de opressão e tem sempre em vista a vida danificada que historicamente não cessou de ser premedida por relações de produção baseadas na dominação social.

Como fontes primárias, o presente trabalho se serviu de textos e livros do círculo de autores do Instituto de Pesquisa Social que foram publicados por seus autores. Além disso, recorre a textos, esboços e fragmentos não publicados, que ou foram posteriormente incluídos nas obras completas de Horkheimer e Adorno ou se encontram em arquivos. A pesquisa documental em arquivos teve lugar entre 2013 e 2014, quando realizei um período de doutorado sanduíche de um ano na Goethe-Universität Frankfurt am Main, que incluiu esse tipo de levantamento no Centro de Arquivo da Biblioteca Central da universidade e na biblioteca do Instituto de Pesquisa Social. O livro se vale ainda de cartas, especialmente entre Adorno e Horkheimer. A isso se soma a recorrência à literatura secundária sobre a teoria crítica, tanto aquela mais antiga e consagrada quanto a mais recente, em ambos os casos produzida, em sua grande maioria, na Alemanha ou nas Américas. Com base na discussão desse material, espera-se ser

possível iluminar o trajeto que vai do debate de 1941 até a conclusão da *Dialética do esclarecimento* em 1944 – o livro, no entanto, só foi efetivamente publicado por uma editora em 1947.